



VIOLA central

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.



Secretaria de  
Cultura e  
Economia Criativa





Esta versão digital do livro **Viola Central** foi disponibilizada pelos organizadores nos termos da licença *Creative Commons Atribuição- NãoComercial-SemDerivações 3.0 Não Adaptada (CC BY-NC-ND 3.0)*.

Antes de compartilhar qualquer conteúdo aqui presente, acesse o link abaixo para conhecer seus direitos e deveres:

[http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt_BR)

A close-up photograph of a wooden viola body, showing the f-hole and the bridge area. The wood is light-colored and has a natural grain. A metal ruler is placed horizontally across the body, with the number '33' visible. The background is a blurred book cover with a reddish-brown color and some text, including a large letter 'A'.

# VIOLA central

Volume 1 | 1ª Edição | Brasília-DF | 2019

Organizado por

Domingos de Salvi, Sara de Melo, Tati Costa e Daniel Choma

Voamundo e Câmara Clara







A close-up photograph of a book cover. The cover is dark brown with several horizontal gold-tooled lines. On the right side, there is a metal clasp with two visible slots. The background is slightly blurred, showing the spine of the book and a red binding element.

“A gente constrói a viola  
e ela também nos constrói.”

*(Ivo Amancio)*

“Não é por ostentação que faço essa rimação  
Eu abro meu coração para quem quiser julgar  
Eu canto simplicidade isenta de vaidade  
Mostrando autenticidade pretendo continuar

Lutando nessa trincheira contra a música fuleira  
Dom Quixote à brasileira eu também posso sonhar.

...



Sonho com a juventude que tenha a atitude  
De dar um golpe bem rude nessa mesmice nociva  
Que possa na poesia passar mensagem sadia  
E de onde estiver, nesse dia eu estarei dando vivas!”

*(Trecho de letra da música “Rimação”, de Zé Mulato)*







“A viola é feitiçeira.  
Você escutou um batido desse aqui...

Você fala:  
- É hoje!  
- É agora!  
- É amanhã!  
- É depois de amanhã!

E pronto.  
Viva a viola!  
A viola é importante, não é mesmo?”

*(Aparício Ribeiro)*







# ficha técnica

## PROJETO VIOLA CENTRAL

### Coordenadora Geral e Diretora de Pesquisa

Sara de Melo

### Diretor de Pesquisa Musical

Domingos de Salvi

### Cinegrafista e Fotógrafo, Edição do Acervo de Entrevistas e Site

Daniel Choma

### Elaboração do Projeto, Transcrição de Entrevistas e Som Direto

Tati Costa

### Produção

Voamundo e Câmara Clara

### Site do Projeto

[www.camaraclara.org.br/violacentral](http://www.camaraclara.org.br/violacentral)

## LIVRO DVD VIOLA CENTRAL

VOLUME 01 | 1ª EDIÇÃO | BRASÍLIA - DF

### Organizado por

Daniel Choma, Domingos de Salvi, Sara de Melo e Tati Costa

### Fotografias e Edição Gráfica

Daniel Choma

### Textos

Sara de Melo, Domingos de Salvi, Tati Costa e Daniel Choma

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

V795 Viola central / orgs. Domingos de Salvi, Sara de Melo, Tati Costa e Daniel Choma. — 1. ed. — Brasília : Voamundo : Câmara Clara, 2019.  
120 p. : il. : 22 cm.

"Volume 1":  
Inclui DVD.  
ISBN 978-85-62002-12-0  
ISBN 978-65-80708-01-7

1. Viola coipira (Música). 2. Violeiros - Entrevistas.  
3. Música popular - Brasil. I. Salvi, Domingos de. II. Melo, Sara de. III. Costa, Tati. IV. Choma, Daniel. V. Título.

CDD 781.620092

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

## entrevistados

- Advogado e Engenheiro  
(João Pedro da Silva e Alexandre Aden Alves da Silva)
- Aparício Ribeiro
- Cacaí Nunes (Carlos Eduardo Nunes Pinheiro)
- Carol Carneiro
- Chico de Assis (Francisco de Assis Silva)
- Duo Viola Progressiva (Marcos Mesquita e Vitor Mesquita)
- Dyego Violeiro (Onício Rosa da Silva)
- Ivo Zacarias Amancio
- Joaquim de Felipe (Joaquim Luis de Sousa)
- João Santana (João Santana Mauger)
- Marcello Linhos (Marcello dos Santos Nunes)
- Marcos Maciel (Marcos Francisco Maciel)
- Messias de Oliveira
- Pedro Vaz
- Roberto Nunes Corrêa
- Valdenor de Almeida Araújo
- Volmi Batista da Silva
- Zé Moacir (José Moacir de Sousa)
- Zé Mulato e Cassiano  
(José das Dores Fernandes e João Monteiro da Costa Neto)
- Zitão (Manoel Araújo de Souza)

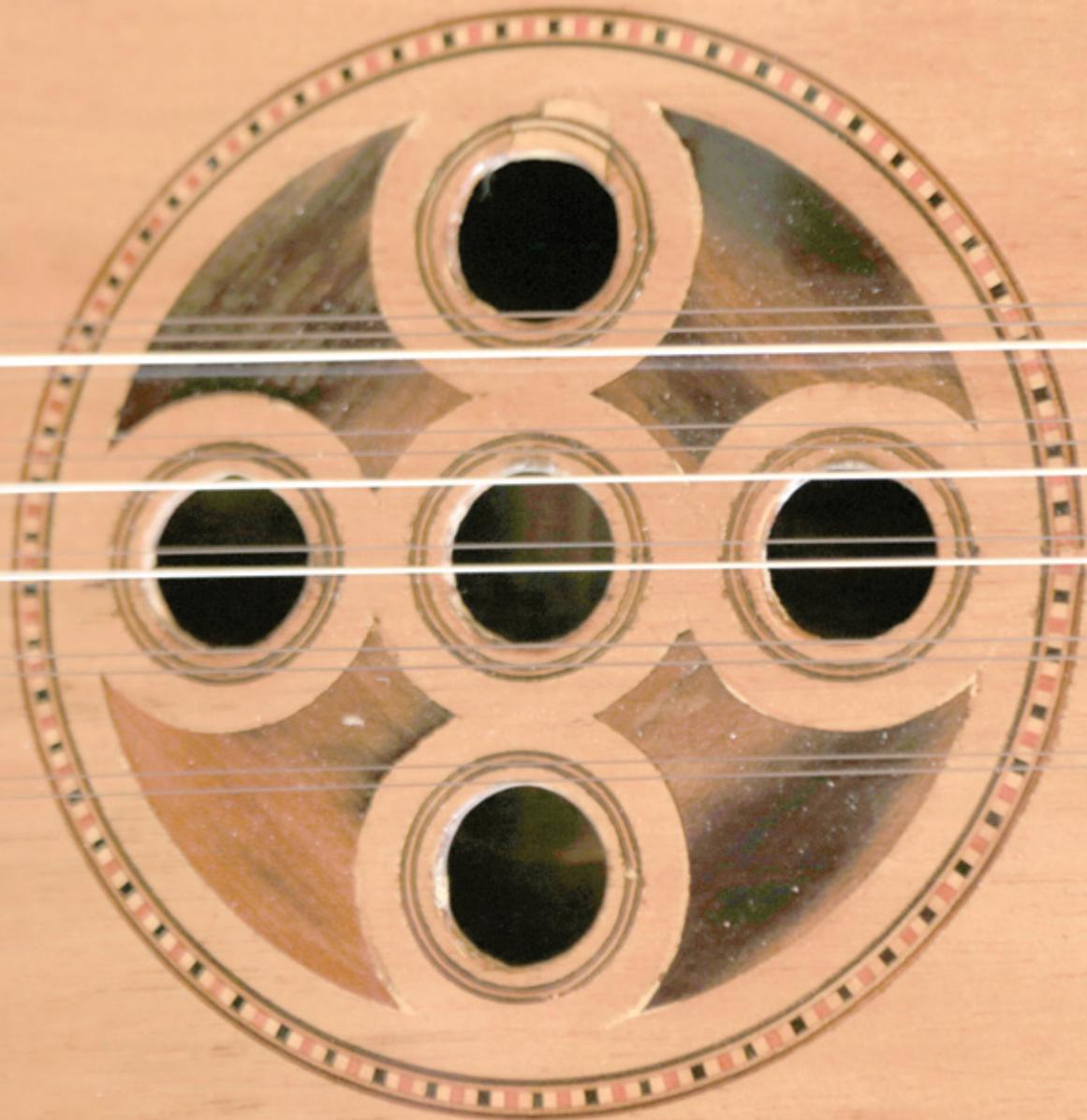
## agradecimentos

- Amara Rodrigues
- Casa do Cantador (Francisco de Assis Chagas)
- Escola de Música de Brasília
- Ester Rodrigues
- Família proprietária da Fazenda Oliveira (Água Fria-GO)
- Feira da Guariroba (Ceilândia-DF)
- Fernão Diego de Souza Lopes
- Francine Rocha e equipe Midiograf
- Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal
- Igreja São Sebastião (Planaltina-DF)
- Lilian Rodrigues
- Tio Levy Machado e tia Cida Machado
- Marcio Santos Lima, vigilante da Igreja velha de São Sebastião  
(Planaltina-DF)
- Mariangela Gomes dos Santos Luz (Administração Regional de  
Planaltina-DF)
- Marcelo Portela e Paulo Lahude Costa
- Valterismar Francisco Maciel e Tio Levy  
(Museu Artístico e Histórico de Planaltina)
- Nazareth Melo e Onezi Lima Melo
- Rádio Web Asa Branca Brasil e Associação dos Forrozeiros do  
Distrito Federal (Marques)



“Brasília se dividia em duas partes, naquele tempo:  
lama de manhã e poeira à tarde.”

*(Donzílio Luiz)*







## mosaico central

Mosaicos, rosetas, colchas, balaios, picuaios, colagens. Imagens e figuras de linguagem que talvez expressem um pouco da diversidade de culturas que se encontram no Distrito Federal, a “Arca de Noé Cultural” a que se referiu o violeiro Zé Mulato (mineiro residente em Brasília desde 1973).

Esta diversidade se expressa no corpo e na voz, nos modos de contar e de cantar. Nos sotaques, gestos, linguagens, olhares, faces, jeitos, trejeitos, sonoridades e tonalidades próprias de cada um. Nas diferentes visões de mundo e horizontes de expectativa. Na multiplicidade de toques e ritmos da viola caipira e na variedade de modalidades da cantoria repentista.

Sextilha. Moda de viola. Quadrão. Catira. Martelo agalopado. Toada. Matuto do pé rachado. Pagode. Mourão voltado. Cururu. Quadrão perguntado. Cateretê. Voa sabiá. Querumana. Coqueiro da Bahia. Canção rancheira. Martelo alagoano. Chalana. Galope à beira-mar. Rasqueado. Mourão em cinco. Guarânia. Quadrão mineiro. Choro. Gabinete. Me responda cantador.

Cada uma destas palavras é uma janela para um universo de saberes, práticas, memórias, modos de ser, de fazer e de lembrar. Cada um destes ritmos e gêneros é arte com regras, métodos, liberdades, métricas, éticas e estéticas próprias e que, por sua riqueza poética, musical, cultural e social, merecem ser cada vez mais reconhecidos e valorizados publicamente.

Registrar e difundir parte deste conhecimento sobre a viola e sobre o Brasil, por meio das narrativas e performances de violeiros e violeiras residentes no Distrito Federal, foi o que motivou o desenvolvimento do projeto Viola Central. Realizado entre os anos de 2017 e 2019, com o apoio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal, o trabalho gerou a constituição de um acervo com vinte e uma entrevistas com músicos e construtores do instrumento. A partir destes encontros, e das mais de quarenta horas de material audiovisual registrado, foram editadas versões em vídeo, áudio e texto.







No site do projeto ([www.camaraclara.org.br/violacentral](http://www.camaraclara.org.br/violacentral)) foram disponibilizados para acesso gratuito os documentários, vídeos de apresentação de cada um dos personagens entrevistados, fotos de bastidores, áudios e textos das entrevistas.

Nesta primeira etapa do projeto Viola Central, foram entrevistados vinte e um violeiros e violeiras residentes no Distrito Federal: Aparício Ribeiro, Cacai Nunes, Carol Carneiro, Chico de Assis, Donzílio Luiz, Ivo Amancio, Joaquim de Felipe, Zé Moacir, Zé Mulato, Cassiano, João Pedro da Silva e Alexandre Silva (Advogado e Engenheiro), João Santana, Manoel Araújo de Souza (Zitão), Marcos Maciel, Marcos Mesquita e Vitor Mesquita (Duo Viola Progressiva), Marcello Linhos, Messias de Oliveira, Dyego Violeiro, Pedro Vaz, Valdenor de Almeida, Volmi Batista da Silva, Roberto Corrêa.

As entrevistas foram realizadas em sua maioria na casa de cada violeiro e violeira, mas também na Casa do Cantador e na Feira da Guariroba, em Ceilândia, e na Praça São Sebastião, Igrejinha Velha, em Planaltina. Para ir a todos estes encontros a equipe integrada por Sara de Melo, Domingos de Salvi, Tati Costa e Daniel Choma percorreu mais de dois mil quilômetros dentro do Distrito Federal, entre idas e vindas do Guará a Sobradinho, Ceilândia, Planaltina, Taguatinga, Brazlândia, Santa Maria, Park Way, Candangolândia, Plano Piloto, Altiplano Leste, Águas Claras, Asa Sul, Asa Norte e Samambaia.





A partir das entrevistas foram editadas e publicadas versões em texto, áudio e vídeo, que circularão por meio de palestras, site na Internet, livro, DVD e exibição em televisões públicas e educativas. Esta diversidade de formas de apresentação do conteúdo dos depoimentos e performances visa expandir a acessibilidade, além de propiciar diferentes experiências de leitura.

Nos arquivos de áudio, pode-se conhecer os sotaques e expressões regionais de cada um, o ritmo e a cadência da voz, a sonoridade das músicas autorais executadas na viola. Sob a forma de texto, disponível em PDF, pode-se realizar buscas de palavras-chave, facilitando assim a pesquisa por temas específicos. Sob a forma de vídeos individuais, disponibiliza-se a visualização da performance, tanto musical como gestual, com maior riqueza de detalhes.

Os textos disponibilizados para download no site do projeto partiram da transcrição da íntegra das entrevistas e que passaram por diversas revisões, incluindo uma realizada pelos próprios entrevistados e entrevistadas.

A organização desta publicação, impressa no formato de Livro e DVD, apresenta alguns dos depoimentos, imagens de bastidores e performances musicais autorais registrados. Os quinhentos exemplares produzidos foram distribuídos gratuitamente entre instituições culturais e educacionais e colaboradores do projeto.

Como vídeos complementares à pesquisa foram editados cinco audiovisuais: *Me responda cantador*, *Vocação violeira*, *Ser ou não ser caipira*, *Memória requinta* e *Flor do cerrado*. Estes mosaicos audiovisuais intercalam depoimentos e músicas autorais executadas pelos violeiros e violeiras entrevistadas, sendo disponibilizados a televisões públicas e educativas e para acesso na Internet e DVD.

A publicação de todos estes conteúdos busca oferecer um panorama parcial da viola no Distrito Federal atualmente. Para os próximos anos, pretende-se continuar o registro, integrando novos personagens ainda não entrevistados. Este acervo pretende se expandir, incluindo pouco a pouco as entrevistas com as centenas de pessoas que estiveram de fora desta primeira etapa e que certamente contribuem para a vitalidade da viola e da música no Distrito Federal.

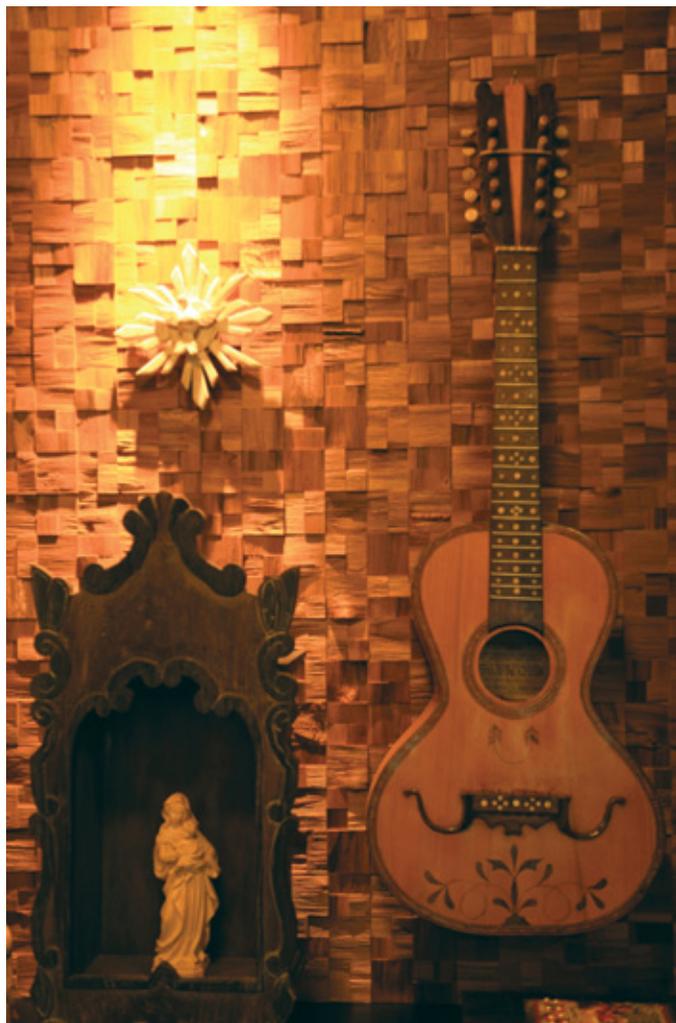




As ações do projeto Viola Central buscaram dar amplo acesso público aos resultados gerados por meio da disponibilização do acervo multimídia de entrevistas na Internet, no site do projeto, a cessão gratuita dos documentários para exibição em televisões públicas e educativas e a distribuição gratuita dos Livros e DVDs a associações culturais, cineclubes, secretarias de cultura, escolas de música, escolas e universidades públicas.

As ações de difusão também contam com cinco palestras para divulgação dos resultados da pesquisa, com projeção de vídeos, áudios e textos, nos seguintes locais: Casa do Cantador (Ceilândia-DF); Pólo de Arte e Cultura (Brazlândia-DF); Museu Histórico e Artístico de Planaltina (Planaltina-DF); Escola de Música de Brasília (Brasília-DF); Funarte (Brasília-DF).





A realização deste trabalho visa contribuir, mesmo que de forma modesta, para a formação do conhecimento em torno do patrimônio histórico e artístico do Distrito Federal. Por extensão, deseja-se ampliar o reconhecimento social da viola como patrimônio cultural nacional, seja de suas formas de fazer e de tocar como as expressões culturais nas quais está integrada. Sobretudo, valorizar as pessoas que constroem, tocam e se encantam com a viola como profissão de fé, festa e ofício.

Eis aqui uma parte deste mosaico feito de modas e baiões de viola, improvisos repentistas e foliões, versos e prosas da memória. Saberes, sabores e sentimentos que cada indivíduo traz em si e que se expressam através do corpo e da alma da viola, no Planalto Central do Brasil.

*(Daniel Choma e Tati Costa)*





“A primeira viagem que eu fiz a Brasília foi em 1960 num caminhão pau-de-arara. É. Passamos dezoito dias na viagem - dezoito dias. Hoje os ônibus fazem em trinta e duas horas. Daqui lá em Pernambuco onde eu fui criado, naquele tempo nós gastamos dezoito dias. O carro quebrando, deslizando. Com tanta chuva, chegava na beira do rio e aquelas pontezinhas, estava lavando, estava cobrindo, transbordando. A gente tinha que deixar a cheia baixar para poder passar. E assim foi passando o tempo... Chegamos aqui com dezoito dias de viagem. Saímos de lá no dia trinta e um de dezembro de cinquenta e nove e chegamos no dia dezessete de janeiro de 1960. Dezoito dias.  
A viagem parecia que era...  
Que estava indo era pro outro mundo.”

*(Donzílio Luiz)*









“Por que vim? Estiagem. A maioria... Quase cem por cento do motivo do retirante do Nordeste viajar para o Sul do país - naquele tempo eles chamavam Sul. O Brasil era dividido só em duas partes: Norte e Sul. Bahia pra lá era o Norte do Brasil, da Bahia pra cá, o Sul do Brasil. Não tinha essas cinco regiões. Tinha, mas ninguém falava. Falavam ‘o Norte do país, o Sul do país’. Viajar para o Sul do país, naquele tempo, era motivo de necessidade financeira, de fome. Crise devido àquelas secas, aquela estiagem lá. Você plantava e via a lavoura perder tudo. Não colher uma espiga de milho, nem uma vagem de feijão, é brincadeira? E ver a criação morrendo de fome e sede muitas vezes... Não é brincadeira. E a gente vinha ao Sul do país atrás de remissão. Ganhar um dinheirinho. Mandar dinheiro pra comprar o mantimento lá pra quem ficou lá, comprar um saco de torta e fazer uma ração pro gado, pra não morrer de fome. Era essa necessidade. Era muito difícil naquele tempo e foi esse o motivo que eu vim pra Brasília.”

*(Donzílio Luiz, residente em Brasília desde 1960)*









## VIOLA INVENTADA

Ao iniciarmos as entrevistas com violeiros, violeiras e luthiers do Distrito Federal, fomos percorrendo os diversos cantos da cidade, de norte a sul, de Planaltina à Ceilândia. Brasília então foi se revelando ainda mais diversa do que imaginávamos. Aos poucos fomos entendendo melhor a riqueza presente nas violas tocadas por aqui.

A diversidade cultural de uma cidade construída por migrantes também pode ser percebida na viola — uma multiplicidade de maneiras de tocá-la provenientes de vários lugares do Brasil. Em Taguatinga, Santa Maria e principalmente Ceilândia, na Casa do Cantador, a viola repentista vinda do Nordeste se faz muito presente em sua poética, formas de tocar e nos desafios propostos pelos cantadores. Ao lado de versos que relembram a vegetação da caatinga, relatam partidas e migrações, aqui também encontramos versos sobre o cerrado e a construção de um lar na cidade nova, sempre em invenção.

No Distrito Federal também se faz presente a viola caipira, vinda principalmente por meio dos migrantes dos estados de São Paulo, Goiás e Minas Gerais. Viola tão presente em festas populares e sagradas, por exemplo, as Folias do Divino encontradas em Planaltina. Há ainda a viola tocada no choro, no forró, no rock progressivo. Uma viola que extrapola limites nas mãos de violeiros e violeiras solistas que, muitas







vezes, têm como fonte de inspiração as tradições vivas no bojo desse instrumento, tirando dali novos saberes e contemporaneidades.

Encontros e invenções possibilitados por uma cidade que contém em si tantos Brasis. Junto às violas, fomos descobrindo histórias de vida permeadas por narrativas da construção e crescimento da cidade. Várias Brasília's foram sendo descobertas. Fomos percorrendo lugares que desconhecíamos e nos emocionando com as histórias escutadas. Pela relação de afetividade que temos com a cidade, nosso interesse certamente foi sendo ampliado a cada história, a cada encontro.

Que cidade é essa, tão diversa, onde há o encontro de tantas culturas? Em que há o potencial efervescente para a criação do novo, onde cosmopolitismo e regionalismos se fazem tão presentes? Quais são essas violas tocadas por aqui? Que histórias são contadas através das letras das canções? Brasília e o cerrado aparecem nessas poéticas? Que Brasília's são retratadas? Que toques de viola e inspirações as gerações anteriores trouxeram para Brasília? Como a viola tem sido reinventada pelos violeiros e violeiras aqui nascidos?

Essas foram algumas das questões que nos guiaram nesse percurso em busca dos tocadores habitantes do Distrito Federal, de suas memórias e maneiras de pontear violas, reinventando mundos.

*(Sara de Melo e Domingos de Salvi)*







“O violão chegou no Brasil no começo do século XIX. Tudo antes era feito com viola. Todas as cantorias, tudo - a voz humana era acompanhada com viola. Então é uma história muito grande que a viola tem no Brasil, nas tradições. Porque vamos pensar: todas essas tradições musicais, elas são sociais. (...) Em tudo, a viola era o instrumento. O violeiro era a pessoa mais importante que tinha nas comunidades para o social, para as cantorias, nas várias devoções: Espírito Santo, Santos Reis, São Sebastião e outras coisas mais. Tinha que chamar o violeiro. E depois da devoção vem a distração, as brincadeiras, os toques, pra dançar...”

*(Roberto Corrêa)*

“Que Deus vos salve alegre hora  
Ai Deus vos salve alegre hora  
Que os três Reis aqui chegou  
Que os três Reis aqui chegou.

Vem dentro desta morada  
Aqui dentro desta morada  
Abençoi os morador  
Abençoi os morador.”

*(Tradicional)*

*(Zitão, Guia de Folia desde 1998)*









“Viola de arame, viola toeira,  
de festa, de pinho, viola de feira.

Viola cabocla, dinâmica, mística,  
viola chorosa e de cintura fina.

Viola de dez e de dois corações,  
de Queluz, Serena, viola dos sertões.

Viola brasileira,  
do Divino, da terra e de Reis.

Viola é viola, não é violão,  
fez guerra e paz na cidade ou sertão.

Não se escolhe a viola,  
ela que faz opção.”

*(trecho da canção “Violinha Caipira”, de Marcello Linhos)*



“Teve um dia em que a gente foi pra uma Folia lá pro tal de Mimoso. Lá, tinha um guia bem velho, chamava Seo Possidônio. Nós ia pra Folia mas eu só sabia cantar Catira, não sabia nada - e o velho ficou meio doente. Aí chegou um dia e ele chegou pra mim e falou: ‘ó, essa Folia aqui eu guio todo ano, mas como ano que vem eu não vou voltar porque eu já morri, então essa missão... Quem vai ser o guia agora é o Joaquim’. Eu ainda questionei com ele: ‘moço, eu não sei fazer nada, como é que eu guio?’ Porque na verdade da cantoria eu não sabia nada, eu só sabia cantar Catira. Ele falou: ‘não, mas essa noite eu tive um sonho que o Divino me falou que é você que é pra tomar conta disso aqui’. Moço, naquela hora até faltou sangue em mim, porque você chegar numa multidão de gente daquela e você não saber fazer nada. E ele falou: ‘não, mas o ano que vem é você, eu não venho mais, estou te falando que o ano que vem eu não venho mais e essa responsabilidade é sua. Que foi o Divino que pediu pra eu passar pra você.’ E eu fiquei o ano todo preocupado, pedindo a Deus que o velho não morresse, pra não chegar aquele dia e ser tão difícil pra mim. Quando faltava três meses pra Folia o velho morreu. E aí eu fui com a cara e a coragem, foi Deus mesmo, o Divino. E consegui guiar a Folia, foi a primeira Folia que eu guiei.”

*(Joaquim de Felipe, Guia de Folia desde 1996)*

*[Para pedir um bom mote aos cantadores repentistas:]*

“Tem que ser acostumado com Cantoria, aprender as manhas da Cantoria. Aquele assunto que está em pauta ele transforma em mote - que o mote é o tema metrificado em dois versos. Você pega um tema: ‘fala aí de saudade, pra mim.’ O tema é saudade. Esse é um tema simples. Esse tema transformado em mote fica tema/mote. Eu pego essa palavra saudade e faço dois versos metrificados. Digo assim: ‘quem sabe o que é saudade não dá adeus a ninguém.’ Quer dizer, o tema continua sendo saudade, mas agora é um mote, porque são dois versos metrificados. ‘Quem sabe o que é saudade não dá adeus a ninguém.’ Entendeu? Aí é o mote. Então, pra quem está assistindo saber pedir um mote, é preciso ele entender de Cantoria, saber que tem que metrificar os dois versos. Se for desmetrificado... Se ele pretende dar um mote em sete sílabas, se tirar um verso com oito sílabas vai atrapalhar o repentista; se tiver só seis atrapalha também. Tem que ser sete, não pode ser oito nem seis, nem mais e nem menos.”

*(Donzílio Luiz)*

FAO

FUNDO DE APOIO  
CULTURAL





“Eu sou caipira. Bom, vamos pensar assim: Antônio Cândido já dizia isso naquele livro, naquela tese dele, que a região caipira é São Paulo e a área de influência histórica paulista. E essa área é grande: triângulo mineiro, Minas Gerais, um pedaço de Minas Gerais, Paraná, Mato Grosso, Goiás, Rio de Janeiro, o interior do Rio de Janeiro... Muito grande essa região. E vamos lembrar que, por exemplo, o triângulo mineiro era de Goiás, depois passou para Minas Gerais - e antes era de São Paulo. E é a minha região. Eu sou um caipira contemporâneo, eu diria. Inclusive a palavra, esse negócio do caipira, esse preconceito que nós tivemos com a palavra desde lá atrás, com o próprio Mazzaropi... Ficou muito forte essa imagem do Mazzaropi, do Jeca, do caipira ser essa pessoa atrasada. E até hoje, você fala caipira e a pessoa pensa no passado. E aí, é a pergunta: e o caipira do presente? E o caipira do futuro? Não tem?

Sempre é passado? Que história é essa? O Ariovaldo Pires, o Capitão Furtado, numa entrevista para o Aramis Millarch, ele disse: ‘é curioso, quando você fala do homem rural nordestino, vem na imagem de qualquer brasileiro aquele vaqueiro com aquele chapéu de couro bonito, a roupa encourada; você fala do homem gaúcho, vem uma imagem daquele homem com bombacha, com aquele lenço; aí fala no homem caipira, que é da região mais rica do Brasil, aparece aquele homem desdentado, com o dentinho preto e tal...’ A imagem que se tem desse caipira é muito estereotipada mesmo. Têm muitas pessoas que evitam a palavra caipira. Não. A viola é caipira, eu sou caipira, a minha música é caipira. ‘Ah, mas sua música é diferente.’ É diferente, mas por que tem que ser igual? Cada um faz sua história com o que tem, não é? Eu sou caipira sim!”

*(Roberto Corrêa)*

“A memória é o que nos faz ser, não é? A gente é o que é pelas nossas memórias também. Porque através delas é que a gente caminha no mundo, ou na arte, ou na vida pessoal. Em qualquer circunstância, o que você tem pra ver o mundo é o que você traz dentro de você, que é a sua memória. E um pouco de inspiração, intuição, que não está necessariamente ligado à memória. Mas as nossas memórias são as nossas cartas na manga, aquilo que a gente tem pra recorrer do que a gente sabe, do que a gente viveu, do que a gente conhece, do que a gente não conhece. Acho que é um pouco isso. Nossa parceira de ver o mundo, de viver no mundo, de fazer o mundo.”

*(Pedro Vaz)*







“A memória está relacionada à cultura, a cultura está relacionada ao meio ambiente... Está tudo entrelaçado. Estamos aqui debaixo de um pé de pitanga e um pé de acerola. Essa terra boa aqui. Tira essas duas árvores pra você ver o que acontecel? Nós não temos mais o mesmo clima. Tanto que o sol vai bater como também a gente não tem aquele mesmo clima de sentimento. Você imagina tirar florestas inteiras, florestas e matas e matas e matas e matas...”

*(Marcos Mesquita)*





“Canto na beira da estrada  
pra chegar na casa  
de quem pra mim é doutor

Eu estou de malas prontas  
pro destino, pro divino  
Deus me abençoar

Esse é o caminho que eu traço  
Eu mesmo corro, eu mesmo acho  
Mulher e homem tem seu valor”

*(Trecho da música “O fogo e a peneira”, de Carol Carneiro)*





Personagens

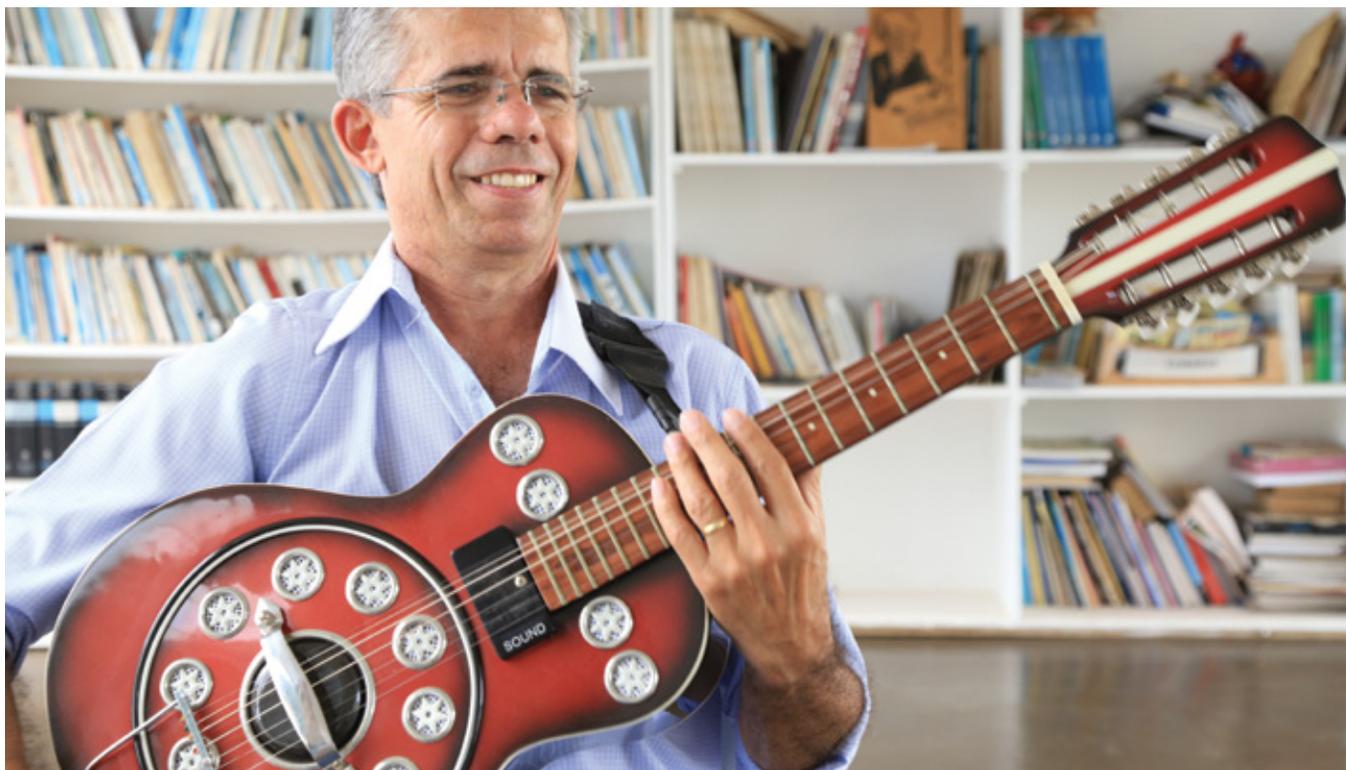


DONZÍLIO LUIZ





“Cantina de Zé Nicolau, primeiro ponto de cantoria de Brasília. Isso não é dito por mim, é por todos que conhecem da história. Primeiro ponto de cantoria de Brasília: cantina de Zé Nicolau. Sabe onde ficava? Nem vai saber nunca mais. Não vai conhecer nunca mais, porque não existe mais: Vila Amaury, que o Lago Paranoá cobriu.”



valdenor de almeida





“A nossa cultura é a nossa identidade, é a nossa raiz.  
Se você perder sua identidade, você não é ninguém.  
A planta, se perder a raiz... Morre o resto.”



zé moacir





“A memória é a arma fundamental do repentista.”



João Santana





“O nosso bioma chamado cerrado  
Tem paca, tatu e tem tamanduá  
Tem onça pintada, tem lobo guará  
Nascente bonita tem pra todo lado  
Ipê amarelo todo ornamentado  
Sombra de pequi pra se admirar  
E no tempo da seca começa a queimar  
Que os tolos não têm mínimo coração  
E o verde se torna cinzas sobre o chão  
Nos dez de galope da beira do mar.”



CHICO DE ASSIS





“Eu simulava muito na roça: colocava minha enxada em pé, colocava o meu chapéu na enxada... E fazia um verso por mim e um verso pela enxada, como se fosse outro cantador. E eu dava um nome e ficava fazendo essa viagem, como se estivesse cantando com alguém. Às vezes, até a voz eu mudava...”



messias DE OLIVEIRA





“A cantoria é igual à lua, não fica velha e nem feia.”



marcos mesquita e vitor mesquita





“A memória de um país é uma coisa fundamental. Uma das coisas principais do Brasil, da crise moral, é falta de memória. Saber a origem. Nós, como brasileiros, perdemos um pouco ou muito o fio da meada. Então a gente tem que buscar nos ensinamentos dos antigos.”



zitão





“Alvorada é o começo, é a abertura da Folia.

Antes de você alvarar uma Folia você não pode fazer um cantorio. Não pode fazer um cantorio sem alvarar a bandeira. Então, depois que alvara você pode fazer qualquer obrigação, fazer um cantorio, fazer uma saudação de cruzeiro e de altar, passar dentro de qualquer uma igreja...

Mas, antes disso, sem alvarar não é possível.”



marcos maciel





*[Sobre cantar na Folia do Divino de Planaltina:]*

“Olha, é um turbilhão de emoções. Dá vontade de chorar, arrepio no corpo... Eu sinto assim. Na minha mente eu vejo uma luz que vem do céu e passa por mim - eu já vi isso várias vezes. Eu vou cantar de olho fechado pra me concentrar. Mesmo porque, quem canta ali não é a gente. A gente é um instrumento do Espírito Santo, ele canta através da gente.”



JOAQUIM DE FELIPE





“[Antigamente],  
mulher não podia participar,  
mulher não podia dançar Catira,  
mulher não podia cantar - que os antigos não aceitavam.  
Era só os homens.  
E inclusive eram só os homens mais velhos,  
porque não tinha oportunidade de os novos aprenderem.  
Por isso que os foliões acabaram, foi acabando...”



carol carneiro





“A viola é a minha porta aberta para o mundo. Eu sinto isso.”



cacai nunes





*[ Sobre tocar Choro na viola: ]*

“A gente tem que fazer música pra se misturar, não pra se restringir a um nicho. Então eu vejo que o instrumento ganhou bastante nos últimos anos, muita gente nova estudando pra caramba. Essa coisa do choro é uma realidade que realmente amplia as possibilidades do instrumento. Não que tocar essencialmente choro vai ser fundamental, mas você entender um pouco dessa realidade do choro te faz com que você toque vários tipos de música. Porque o choro é base pra muita música no Brasil. Pro samba, pro forró, pro samba-canção e mesmo pra música caipira.”



roBERTO corrêa





“Muitas vezes, quando eu toco viola, as pessoas falam:  
viola dá uma saudade de não sei o quê.”



marcello LINHOS





“A memória fez com que eu redescobrisse sons,  
que eu redescobrisse um interior que fica guardado,  
às vezes esperando ser pinçado.  
Essa memória é uma memória que vem desde a infância,  
desde antes de você ser criança, da pré infância,  
em que você vai colocando tijolinhos...  
Vai compondo um quebra-cabeça que vai  
ficando guardado dentro de você.”



Ivo Amancio





“Eu acho que pra fazer um instrumento tem que colocar sentimento também nisso. Não é só na hora de tocar, é na hora de construir - também tem que ter sentimento.”



aParício riBeiro





“Eu fiz uma música chamada ‘Flor do Cerrado’,  
que eu dediquei a Brasília, que é a flor do cerrado.  
Tem a caliandra, que é uma importante flor  
do cerrado, a flor do pequi, a flor do ipê...  
São todas flores bonitas.  
Mas a flor mais bonita é Brasília.”



DYEGO VIOLEIRO





“A viola toca tudo.

A viola é, como diz o nosso grande amigo Aparício Ribeiro, a viola é a célula mãe da música caipira. E é bom lembrar disso: a viola toca tudo, desde o caipirão até rock, se quiser, a viola executa. Então, a nossa viola está de parabéns.”



VOLMI BATISTA





“A viola é esse instrumento mágico. Por que ela tem todas essas coisas brasileiras em torno dela. As fitas... Por quê as fitas? O que são as fitas? O que é o guizo de cascavel? O que são as coisas de ‘estralar os dedos’? Entendeu? Então, é isso que torna a viola esse instrumento maravilhoso, mágico... Do Brasil e genuinamente brasileiro.”



advogado e engenheiro





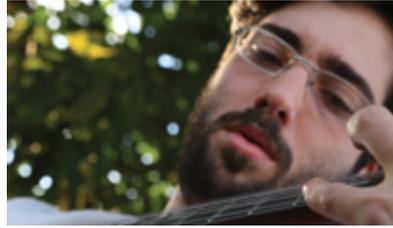
“O que mandava na época era o circo.  
Mas se um circo se instalasse numa cidade  
e não tivesse viola... Não tinha espetáculo.  
Circo sem viola não era circo.”

*(João Pedro da Silva)*



Pedro Vaz





“O timbre da viola ficou marcado por um período. E a gente tem que lembrar que esse período da música de dupla, esse período da música caipira fonográfica, digamos assim, ele é um período pequeno em relação à história da viola. Mas ele é um período muito marcante, em que a viola falou muito pra muita gente. E muito rico também, muita composição, muita rítmica, muita coisa foi estruturada nesse período. Então, ela traz essa marca: onde você toca a viola o som dela já remete a essa música, a essa musicalidade rural. E eu acho que os violeiros mais atuais, que buscam uma certa modernização, eles também têm o gosto por compreender e por trabalhar essa parte mais tradicional.”



zé mulato e cassiano





“Foram modernizando tanto, modificando tanto...  
Que nós ficamos diferentes só por continuar no que era.”  
*(Zé Mulato)*





“O povo tem uma visão errada do caipira.  
Nós é caipira, mas nós não é besta não, sô!”  
*(Cassiano)*

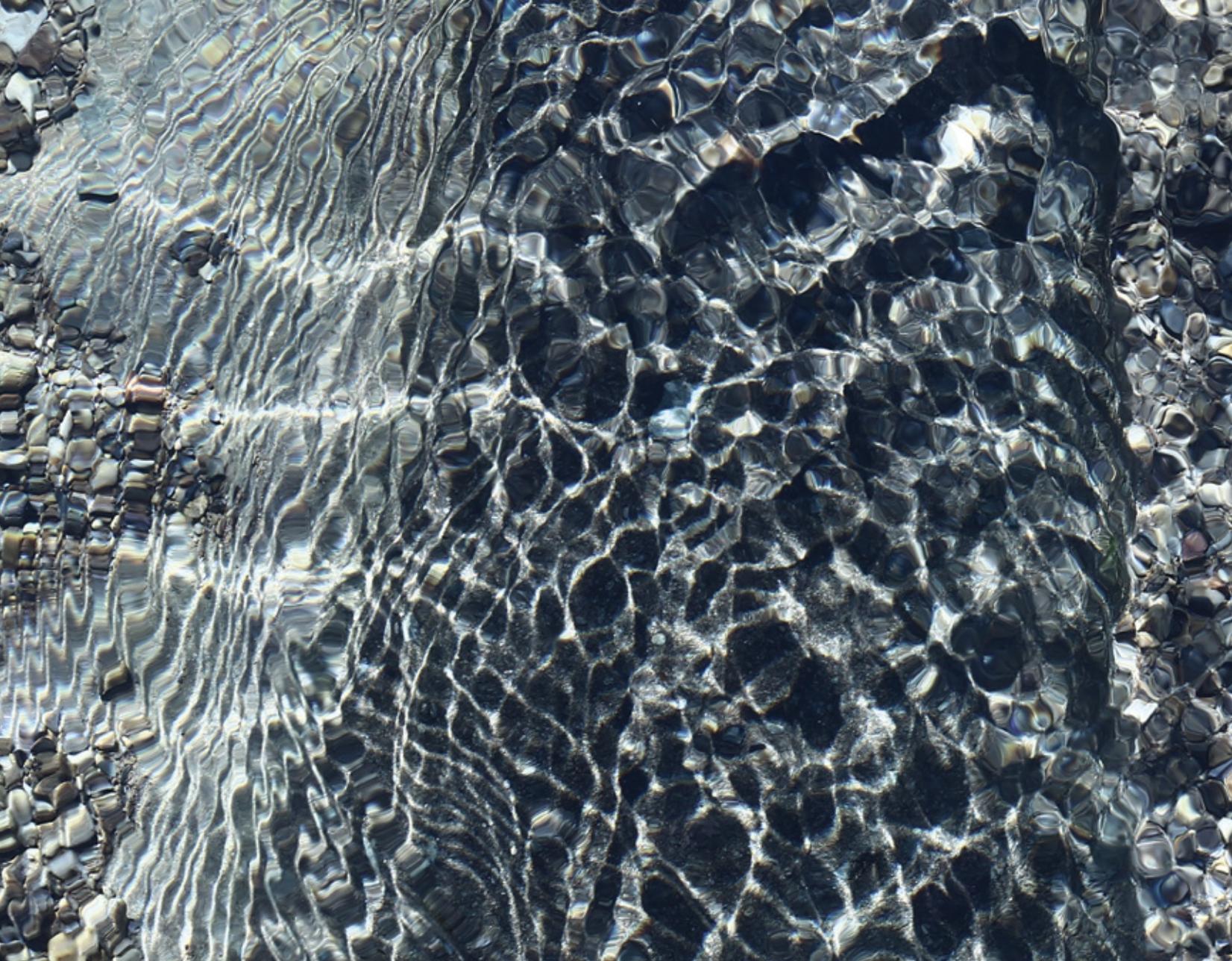




“Eu acho, com a fé que a gente tem, que a música que nós lutamos tanto por ela e continuamos lutando... Não é pra sumir porque Zé Mulato e Cassiano foi embora, porque o Zé Carreiro e Carreirinho foi embora, porque Tião Carreiro e Pardinho foi embora. Não. Essa música está na alma do brasileiro. Agora, o que eu digo pra juventude é que seja bem brasileiro, assumidamente brasileiro.”

*(Zé Mulato)*











“A Nurit [Bensusan] é uma bióloga e é uma escritora que fala do cerrado pra criança. Então ela se juntou ao meu projeto e eu a amo por isso. E ela falou de aspectos biológicos do cerrado e aspectos curiosos, por exemplo, como o aspecto das águas que nascem aqui no cerrado, no centro do Brasil, e formam as maiores bacias do país. Então, por exemplo, quando um índio está tomando banho num rio da Amazônia, naquela água tem cerrado, num jacaré nadando num rio do Pantanal, lá tem cerrado, ou na capital de São Paulo, quando um menino toma um copo d’água, naquela água tem cerrado. Então é muito importante que a gente cante o cerrado, que a gente cante as águas do cerrado, que a gente cante a natureza do cerrado. Porque a gente precisa preservar o cerrado. E cantando a gente conhece mais, conhecendo mais a gente ama mais e amando mais a gente preserva mais.”

*(Marcello Linhos)*

“Encerrado que eu era  
no errado do existir livre  
livre me tornei cerrado  
cerrado meu  
quando em ti me transformei.

O meu corpo é o teu chão  
tuas pedras tuas águas  
e minha alma teus caminhos  
tua fauna tua flora.

Em ti minha vida está  
cerrado cerrado meu  
e em mim teu encanto mora.

Eu cerrado encordado  
renascido e libertado  
pleno  
vasto enfim  
vivo  
agora.”

*(“Pacto”, de Roberto Corrêa)*





Esta versão digital do livro **Viola Central** foi disponibilizada pelos organizadores nos termos da licença *Creative Commons Atribuição- NãoComercial-SemDerivações 3.0 Não Adaptada (CC BY-NC-ND 3.0)*.

Antes de compartilhar qualquer conteúdo aqui presente, acesse o link abaixo para conhecer seus direitos e deveres:

**[http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt_BR)**